

A HERANÇA INDÍGENA NA CULTURA CAIÇARA*

INDIGENOUS HERITAGE IN THE CAIÇARA CULTURE

LA HERENCIA INDÍGENA EN LA CULTURA CAIÇARA

Silvia Regina Paes

Resumo: O caiçara do litoral norte de São Paulo é aquele que nasceu e sempre morou no litoral. Essa denominação é dada por Kilza Setti e pelo próprio caiçara. Para Diegues é denominada caiçara a população que mora da costa sul do Rio de Janeiro até ao norte de Santa Catarina. Porém a característica dominante do caiçara é a indígena, principalmente no tocante a sua relação com a natureza. As técnicas antigas de pesca e de caça foram aprendidas dos índios. A herança mais significativa que a cultura caiçara carrega é sem dúvida nenhuma originária da cultura indígena. E a relação caiçara-natureza está enraizada, incrustada na memória e nas ações de muitos pescadores, homens e mulheres que navegam por rios e mares.

Palavras-chave: Cultura caiçara. Cultura indígena. Meio ambiente.

Abstract: The *caiçara* from the northern coast of São Paulo is the one who was born and always lived on the coast. This designation is given by Kilz Setti and by the traditional fishing families. For Diegues the name *caiçara* is given to the population living from the south coast of Rio de Janeiro to the north of Santa Catarina. However the dominant feature of the *caiçara* is indigenous, primarily concerning to his relationship to nature. The old fishing and hunting techniques were learned from the Indians. The most significant legacy that the *caiçara* culture carries is undoubtedly originated from the indigenous culture. And the *caiçara*-nature relationship is rooted, and encrusted in the memory and in the actions of many fishermen, men and women who sail through rivers and seas, which still roam the forest and plant their crops.

Keywords: Caiçara culture. Indigenous culture. Sustainable development.

Resumen: El caiçara de la costa norte de São Paulo es el que nació y vivió siempre en la costa. Esta designación fue dada por Kilza Setti y por el propio caiçara. Para Diegues se llama caiçara la población que vive en la costa sur de Río de Janeiro hasta el norte de Santa Catarina. Pero el rasgo dominante del Caiçara es el rasgo indígena, principalmente con respecto a su relación con la naturaleza. Las técnicas antiguas de la pesca y la caza se aprendieron de los indios. El legado más importante que la cultura caiçara lleva es sin duda su origen en la cultura india. Y la relación del caiçara con la naturaleza es arraigada, incrustada en la memoria y en las acciones de muchos pescadores, hombres y mujeres que navegan por los ríos y los mares.

Palabras clave: Caiçara cultura. Cultura indígenas. Medio ambiente.

1 PANORAMA GERAL DA CULTURA CAIÇARA E DE SUA HERANÇA INDÍGENA

O caiçara do litoral norte de São Paulo é aquele que nasceu e sempre morou no litoral. Essa denominação é dada por Kilza Setti e pelo próprio caiçara. Para Diegues é denominada caiçara a população que mora da costa sul do Rio de Janeiro até ao norte de Santa Catarina.

É uma população caracterizada culturalmente por sua descendência indígena, branca e negra. Os brancos são os mais variados: portugueses, francêss, espanhol e holandês.

Porém, a característica dominante do caiçara

é a indígena, principalmente no tocante a sua relação com a natureza. As técnicas antigas de pesca e de caça foram aprendidas dos índios.

A costa brasileira era predominantemente ocupada por grupos da família tupi. Em especial os Tupinambá. Para Garcia (1970, p. 15):

Em época recente, sob o ponto de vista arqueológico, talvez por volta do ano 1.000, ocorreu a ocupação do litoral brasileiro pelos Tupi-Guarani. Estes eram portadores de cultura mais avançadas, com conhecimento da cerâmica e da horticultura. Por essa razão dependiam menos dos produtos do mar, mas grande parte dos recursos alimentares era por eles obtida através da caça, coleta e pesca. Para esses grupos que chegaram posteriormente, a coleta de moluscos constituía uma atividade suplementar, sob o ponto de vista econômico, ao passo que, para os construtores de sambaquis era ela uma atividade básica.

* Artigo recebido em novembro 2010
Aprovado em dezembro 2010

São esses ancestrais da família tupi que ajudam a formar o que nós qualificamos por caçara, atualmente. A herança advinda desses habitantes deixa marcas importantes até hoje na atual comunidade do litoral. Vários autores Almeida (1940), Mussolini (1980), Diegues (1983) e outros afirmam as características caçara advinda do índio. A base da economia caçara, assim como a indígena, era caracterizada pela pesca, caça, coleta e plantio.

Quanto à pesca, essa era realizada, em alguns lugares do litoral, com a fisga que, para alguns autores se assemelha à pesca com arco e flecha dos índios. Esse tipo de pesca com fisga consiste em colocar na proa da canoa de madeira uma lanterna, pois iam pescar à noite, e com uma espécie de garfo tridente, seguro por um cabo de madeira, fisgavam o peixe. O peixe ficava ofuscado com a luz da lanterna¹ e assim, facilitava a pescaria. Usavam também a canoa escavada de um tronco só. Esta também foi herança indígena. Faziam cerco de madeira como uma forma de capturar o peixe.

Atualmente, o caçara ainda vai pescar no mar e em rio. A pesca da tainha era uma das pescarias que concentrava um maior número de pessoas, pois havia uma quantidade enorme dessa espécie. Era uma pesca mais socializada, pois participavam dela mulheres e crianças. Diferente da pesca no mar, em que a presença masculina imperava. Hoje há uma presença da mulher na pesca, no mar. Fora a técnica de pescar com fisga, o caçara também se utiliza de outras técnicas, como a de bater na água (pesca de abalo na Bahia e pesca de tróia em São Paulo) com o remo para espantar a tainha. Esta pula e assim salta para dentro da canoa. A poita, âncora primitiva, consistia em uma pedra amarrada em um cipó ou pedaço de rede. Na pescaria de rio há uma técnica que consiste em sacudir os galhos, principalmente de vegetação de mangue, para espantar os peixes para dentro da rede.

O caçara, assim como o índio, utiliza os recursos tirados da própria natureza para fazer seus objetos e instrumentos de trabalho. Outra característica do caçara que se assemelha ao seu ancestral indígena é a maneira não predatória com que se relaciona com a natureza. O pescador artesanal², ou pequeno pescador, possui um complexo conhecimento do mar, dos movimentos dos cardumes. Um processo de aprendizagem e socialização que vem desde a infância.

Mussolini (1980, p. 227) afirma que:

Figuram também sobrevivências de processos indígenas, no aparelhamento e nas embarcações. Contam-se entre elas o uso de ervas entorpecentes lançadas à água, como o célebre timbó ou timbó putiana, como chamavam os índios, que atordoava o peixe, que fica a boiar pela superfície, sendo apanhado com facilidade.

A tapagem: barreira de varas fincadas no chão na boca do rio, comum na Amazônia, era também uma técnica indígena que os caçaras utilizavam para a pesca. Os índios usavam a rede de ticum e batiam na água para que os peixes corresse para a rede e assim emalhá-lo.

A caça era também uma atividade constante entre os caçaras. Idas à caça em períodos certos do ano. Tinham eles, e ainda têm um minucioso conhecimento sobre a mata, os animais, as plantas. Coletavam frutas, lenha seca na mata.

Em um espaço, na mata, porém próximo de sua casa, o caçara ia fazer seu roçado. Era o plantio de coivara, ou de derrubada e queimada ou ainda itinerante que consistia em derrubar uma parte da mata, tombando alguma árvores e arbustos; queimavam a mata retirada. A cinza servia de adubo. E plantavam no lugar uma variedade de plantas: mandioca, milho, batata, cará, feijão guandu, melancia, café, cana, etc.

Fazer a farinha de mandioca passa pelo mesmo processo indígena. Plantar, colher e limpar a mandioca, ralar e colocar em um tipiti para a retirada do ácido cianídrico. O tipiti consiste em um cesto flexível onde é depositada a massa ralada. Depois vai para o forno para fazer a farinha.

Uma outra herança indígena que o caçara tem é citada em um artigo de Almeida (1945, p. 104) do Arquivo Municipal de São Paulo, no qual diz: "esperto [o caçara], tem os sentidos muito apurados, herança dos indígenas seus avós, dispondo de memória visual e auditiva muito desenvolvida."

Em uma fala de um pescador de Pina-Recife ele afirma: "o pescador é desconfiado como o índio. Por isso fica muito difícil os primeiros contatos. Ele é diferente porque o mar, o horário, o tipo de trabalho o afasta muito das pessoas." (LABERGE, 2000, p. 46).

O mangue é um espaço explorado pela comunidade caçara. Retiravam dele a madeira seca para queimar, madeira para fazer artesanato (taboa, embira, madeira para fazer tear). O mangue³ é uma fonte de vida para pássaros, peixes, camarões, ostras, e para o próprio homem caçara.

É no mangue que os peixes e outras espécies se reproduzem, pegam alimento necessário para o seu crescimento.

Em muita comunidade caiçara, até aproximadamente as décadas de 60 e 70, havia uma intensiva utilização do mangue, pois este ainda estava intocado. Após esse período, houve uma verdadeira destruição dessa área, com as construções de casa, marinas, indústrias, e outros. Aterros freqüentes proporcionaram a rápida degradação do manguezal. Segundo Diegues (1989, p. 1), o Brasil era o país que tinha a maior extensão de área de mangue do mundo: 25.000 km², em seguida vem a Indonésia, com 21.000km², o que não ocorre hoje.

Havia antes mesmo da formação do que hoje denominamos caiçara, anteriormente ao período colonial, o uso intensivo do mangue pelas populações indígenas e anteriormente pelos sambaquieiros. A costa era predominantemente habitada pelos Tupinambá. Estes são o ancestral indígena do caiçara. Warren Dean afirma que os Guarani, que viviam mais no interior do país, eram mais sedentários e tinham a plantação, e eram tidos como mais passivos em relação aos Tupinambá. Os portugueses, aliados aos tupiniquins, mantiveram uma longa e acirrada luta contra os Tamoio. Estes, junto com os Aimoré, formam a Confederação dos Tamoios como uma luta em defesa de seu território e sua liberdade. Os Tamoios foram aliados dos franceses, pois estes não escravizavam os índios. Seu interesse era na madeira.

Essa então é a formação de base da cultura caiçara.

O caiçara recebeu uma forte influência da cultura indígena, principalmente em relação ao conhecimento acerca da manipulação da natureza. Valores como o respeito para com todos os espaços naturais onde a vida depende desses espaços para continuar é uma forte herança indígena.

Respeitar a mata, respeitar o mar, respeitar o rio é uma atitude lógica que permeia o comportamento de todas as populações ditas tradicionais (caiçara, camponesa, ribeirinha) que por sua vez receberam esse conhecimento das culturas indígenas. Crenças e valores permeiam o cotidiano do caiçara em relação à manipulação da natureza. Espaços que são tidos como perigosos por ter neles seres sobrenaturais, encantados que punem os homens devido ao abuso cometido.

Vários autores afirmam que a biodiversidade existente deve-se à diversidade cultural de populações que detinham técnicas que

não agrediam o meio ambiente. E também ao valor simbólico desses espaços, permeado por crenças mágicas religiosas.

Há técnicas utilizadas pelos caiçaras na manipulação do espaço que valem a pena registrar. Como exemplo temos a catação de caranguejo guaiamu. Este é pego através de armadilhas feitas de madeira chamadas de ratoeira. No nordeste as armadilhas são feitas com lata. Outra técnica é a de colocar a mão dentro do buraco do caranguejo uçá (chamado assim no nordeste). Em Caraguatatuba era chamado de peludo.

Para saber qual era o sexo do caranguejo que estava na toca era preciso conhecer: cor das fezes, formato da toca, e a ova que ficam na parte externa da fêmea. Só se pegavam os machos.

A forma como as sociedades representam seu espaço, depende do como elas atuam sobre os mesmos (GODELIER, 1981). A natureza para o caiçara e para os índios não é uma propriedade sua, mas um bem de todos. Mas, segundo um pescador: "não é porque nós temos a liberdade de subir no mar é que vamos abusar e desrespeitar." Esses espaços naturais (mar, mata, mangue, rio) têm donos simbólicos. São seres encantados que delimitam simbolicamente a atuação do homem.

O espaço é também uma construção cultural. Escreveu Castro (1992, p. 193):

O espaço não é apenas o território como os rios, igarapés e matas, mas sim os significados construídos socialmente e registrados nas fases devidas desses grupos, na concepção de um mundo que dão sentido ao seu modo de vida, organizando a memória enquanto lembrança do lugar [...].

É na memória de muitos velhos que está o segredo de uma cultura. As histórias contam sobre a identidade de um povo. Os mitos, as lendas, os causos nos ensinam sobre segredos de um viver melhor, com conhecimento e sabedoria. As experiências narradas em forma de mitos ou lendas revelam o espírito de um povo. Nisso também se sobressai na cultura caiçara a sua herança indígena.

Alguns autores como Mussolini, Almeida e Carvalho, que escreveram sobre a cultura caiçara nas décadas de 1940 e 1950, observaram que o tipo de vida fechada dos homens do litoral propiciou uma intimidade entre o homem e seu habitat, favorecendo o conhecimento dos remédios e plantas para a construção de canoas, jangadas; conhecimentos de fenômenos naturais: os movimentos dos ventos, das águas, os hábitos dos peixes, seu periodismo, a época e a lua adequada para derrubar uma árvore ou plantar ou colher.

Segundo Godelier, o racional de uma dada organização é o elemento chave que permite determinada sociedade se reproduzir sem agredir ao meio ambiente.

As condições naturais estão em constantes mudanças e exige, por parte dos pescadores, uma certa sagacidade em observar essas alterações. A saída ao mar; lançar uma rede, por exemplo, passa por um filtro que é o conhecimento do movimento das marés, o tipo de lua, a espécie de pescado do período em questão.

Os sentidos do pescador são aguçados. O pescador tanto do litoral norte de São Paulo, como o do sul usa a canoa como caixa de ressonância para ouvir o ronco do peixe. De acordo com o som emitido pelo pescado identifica-se a espécie ao qual pertence; o brilho – ou ardentia, como dizem os pescadores do litoral norte paulista - de um determinado peixe, por exemplo, a sardinha mostra o tamanho do cardume.

Os segredos dos melhores pontos de pesca são guardados principalmente pelos mestres. Cada barco tem seu mestre. Geralmente possuem o saber-fazer, o conhecimento dos velhos pescadores. Estes possuem boa memória para guardar os melhores pontos ou nichos de peixes. Este conhecimento é uma “ciência” mesmo. Isso quem afirmou foi a esposa de um velho pescador. Um pescador disse: “É preciso ter ciência para assentar bem um cerco.” (DIEGUES, 1983, p. 195). Este mesmo autor Diegues (1983, p. 195) escreve que: “como no mundo dos homens, o mundo dos peixes é vivo e cheio de malícia. “Tem peixe burro e peixe inteligente, peixe molengo e peixe lutador. A sardinha, por exemplo, é peixe burro” – fala de pescadores de Ubatuba.

O pescador artesanal tem o conhecimento da arte da pesca. Os pescadores sabem que os peixes são migratórios e que eles moram em diferentes lugares de acordo com a época do ano, as condições climáticas.

A relação de troca do homem com a natureza é permeada por uma atitude de grande respeito, pois o homem extrai os recursos que o meio lhe oferece. Isso fica evidenciado nas sociedades tradicionais, como no caso da sociedade caçara. Segundo Diegues, na costa da Catalunha são desprezados aqueles que exploram o mar irresponsavelmente.

Um pescador do litoral fluminense disse: *terra de mar é como terra de índio*. Como referenciais de espaço os caçaras usam sinais da própria natureza, como rios, pontes, vegetais, (jaqueira, mangueira, morros, etc). Para o tempo, utilizam imagens retiradas do cotidiano e

do mundo natural, como o canto do galo, canto da saracura, som do mar. Este som identifica se o mar está bravo ou manso, sendo assim, indica se vai dar para sair ou não para a pesca.

Há uma espécie de oferenda de agradecimento à natureza pelos bens oferecidos às comunidades de pescadores, em várias partes do mundo, e por todo o Brasil. Como exemplo temos a Bandeira do Divino que vai de praia em praia, no litoral meridional; festa do Senhor Bom Jesus, de Iguape, e a Nossa Senhora dos Navegantes, em Cananéia.

As lendas e contos retratam também um pouco da visão do mundo de diferentes culturas, tais como: saci pererê, boitatá, lobisomem e almas penadas, mãe d'água ou mãe de ouro, visões brancas e outras histórias que retratam um pouco da relação do homem com a natureza e as representações que estes fazem do meio natural em que vivem e com o sobrenatural.

Existem áreas ou espaços sagrados onde a pesca é proibida, possivelmente são áreas de reprodução e crescimento dos alevinos. Estes espaços sagrados existem, por exemplo, em Daomé/Benin, na sociedade tofini, citada por Diegues (1983). Este mesmo autor cita outro caso de pescadores no Japão que tinham em sua embarcação uma funadama ou espécie de espírito guardião. Funadama é uma divindade feminina, cuja estátua é colocada em uma pequena capela junto ao mastro principal. Os pescadores fazem suas orações diante da deusa protetora, antes de saírem para o mar, e também lhe oferecem peixe e arroz após a pesca. As mulheres são proibidas de entrar nos barcos ou pescar porque a funadama ficaria furiosa com a presença feminina.

No Brasil, há a lenda do boto. Este é entendido como protetor dos peixes. A Iemanjá, que é como a sereia ou mãe d'água da Europa. A Iemanjá é mãe de todos os orixás, ninfa do rio, Ogun na Nigéria, mãe cujos filhos são peixes. São oferecidas para ela comidas e bebidas, perfumes, jóias e são lançadas ao mar, bastante distante da costa, isso em Angola, para que haja sempre peixe no mar.

Os pescadores de Itapoã pedem para Iemanjá que lhes ajudem a encher a rede de xaréu.

Padre José de Anchieta, em 1560, cita também que entre os índios falava-se em igpu-piara, um fantasma que morava no rio. Em São Vicente, em 1564, Pero de Magalhães Gandavo faz referência a um monstro de cabelos pelo corpo e no focinho tinha umas cerdas bem grandes como bigode e que para os índios era

o hipupiara que significava o demônio d'água. Frei Vicente do Salvador (1918) falava de um homem marinho que sai d'água e persegue os índios para matar e comer olhos e nariz.

2 ESPECIFICIDADES DA CULTURA CAIÇARA EM RELAÇÃO AOS ESPAÇOS VIVIDOS

2.1 Espaço simbólico

Acima já fizemos um panorama geral dos espaços físicos onde o caiçara vive e estabelece relações reais ou simbólicas. Agora iremos navegar pelas representações e significados desses espaços para a cultura caiçara.

Os espaços físicos, tal qual se apresentam na natureza, são também matéria para uma análise mais cuidadosa, no campo das representações, no campo do pensamento simbólico. A partir da constatação do meio natural como um fato concreto de atuação e de conhecimento empírico, por parte do caiçara, passamos às representações sobre o mesmo.

O caiçara representa a natureza como um "outro" que deve ser tratado com muito respeito, como algo divino, dadivoso, misterioso, hostil e, também, algo que propicia segurança.

Nesse sentido, os diversos espaços apresentam as mais variadas significações simbólicas.

A mata é um lugar seguro para o caçador caiçara. Mas é um lugar que também exige uma atitude de respeito para ser penetrado. Possuidora de mistérios, a mata, segundo os caçadores entrevistados⁴, contém coisas que eles não vêem. Algo que poderá se manifestar de alguma forma, em algum momento, principalmente para caçadores que gostam de "abusar", como matar mais animais que o necessário, por exemplo.

O mar, diferentemente da mata, é representado como um lugar hostil e também misterioso. Um lugar imprevisível, às vezes. Mas também é um espaço generoso ao homem, porque dá o alimento de todos os dias.

Assim, para o caiçara, é necessário conhecer e respeitar todos os espaços naturais. Para ir ao mar é necessário conhecer muito bem as marés, o movimento dos ventos, das nuvens. Não abusar é a atitude de maior valor em um ambiente perigoso. Prudência é o que ele nos ensina. No mar, a convivência com a morte faz parte do risco que garante a própria vida.

O conceito de respeitabilidade permeia toda a ação do caiçara no espaço natural.

O rio também é um espaço, assim como a mata, que transmite segurança. O rio con-

tinua sendo, na memória dos entrevistados, territórios misteriosos e propícios para a pesca; provavelmente era local que servia para reprodução de alguma espécie de pescado. Era o lugar mais democrático e de grande sociabilidade. Democrático porque, nele, as mulheres e crianças podiam pescar e usufruir, tanto quanto o homem, principalmente durante a pesca da tainha. Sociabilidade, pois as relações sociais entre vizinhos (geralmente comadres, compadres e parentes) e crianças eram exercitadas para manter firmes os laços da comunidade.

Ao longo do rio havia (intacto) um ecossistema rico para diversas espécies que se localizava entre o mar e o rio, chamado mangue como, já citado acima. Ele era visto como um santuário, onde a tranquilidade reinava, propiciando uma maior segurança às espécies que dele necessitavam para se reproduzir. Servia como esconderijo e proteção aos peixes e pássaros que dele dependiam. Enfim, para o caiçara, o mangue é um lugar de refúgio para os peixes que, segundo os moradores locais, não gostam de barulho. O mangue se caracteriza, portanto, como um local silenciosos, quieto.

Como o mangue, a praia também é um território intermediário entre a terra firme e o mar. É o espaço da morte e da vida. Espaço da morte, porque nela encostam os dejetos devolvidos pelo mar: peixes mortos, animais e pessoas mortas, restos de moluscos (conchas), pedaços de madeiras podres, derramamento de óleo por navios petrolíferos. O símbolo da morte, que vive de alimentos em decomposição (peixes mortos e outros) é o urubu (ave cartidiforme). Na praia, existem muitas dessas aves. Para o caiçara, o urubu, quando sobrevoa algum lugar, avisa que há algo morto por perto. Morte para o homem e vida para a ave.

Mas também a praia representa a vida, porque nela o caiçara vai pegar camarão, berbigão (conhecido como vôngole): alimento essencial para a dieta diária. Local de trabalho, principalmente para mulheres e crianças. Este fato foi observado na comunidade pesquisada. A praia também é o local para a saída de barcos e onde os pescadores guardam seus barcos e canoas.

Territórios secretos contidos nos espaços conhecidos; lugares silenciosos; lugares que contêm donos simbólicos; de propriedade comunal, mas permitidos aos que os conhecem e sabem neles entrar, navegar, andar; aos que "pedem licença".

Esta visão subjetiva dos espaços está conectada à realidade e também à consciência

criativa que pensa o mundo coabitado também por seres encantados e mágicos que interagem com o homem, às vezes, de forma visível e outras de forma invisível.

2.2 Representações sociais e oralidade

As representações sociais, estudadas por nós, têm como fonte os mitos, os contos e lendas narradas pelo caiçara do bairro estudado, ao longo da pesquisa de campo.

As histórias também são outra forma de representação sobre os espaços vividos. É outra maneira de interpretar, dar significado, porém de forma fantástica, poética, cheia de metáforas. São bastante reveladoras do conhecimento e do imaginário caiçara. Desnudem também a interação e atuação de um povo em relação à natureza. Outra vez, é em Godelier (1981) que pensamos.

Para Edgar Morin (1991), o espírito humano possui duplo pensamento: simbólico/mitológico/mágico e racional/lógico/empírico. Ambos não são dicotômicos, mas complementares. Um está contido no outro:

O *mytho* constitui o discurso da compreensão subjectiva, singular e concreta de um espírito que adere ao mundo e sente partir do interior (MORIN, 1991, p. 149).

Ernest Cassirer (1982) define o homem como um animal simbólico. Assim também pensa Mircea Eliade (1982): o pensamento simbólico é consubstancial ao ser humano.

Eliade (1982) complementa, acentuando que:

As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psique, eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: por a nu as mais secretas modalidades do ser.

Para esse mesmo autor, toda a existência está repleta de símbolos e o homem mais realista vive de imagens.

As histórias fantásticas, como representação, fazem parte de um mesmo processo, ou seja, o da construção ou reconstrução do conhecimento, da elaboração do pensamento de uma comunidade sobre as coisas, sobre o meio em que vive, seja ele natural ou social.

Morin chama atenção para o fato do nosso espírito passar, sem se dar conta, do pensamento empírico/racional ao pensamento simbólico/mítico, combinando-os em um mesmo discurso: "de certo que nem tudo é só mito e nem tudo é mito. Mas parece que o mito co-tece não só o tecido daquilo a que chamamos real". (MORIN, 1991, p. 164).

A cosmologia, para Durand (1988), é o domínio do pensamento poético, é expressão do sujeito humano no mundo. Este autor escreve que não há oposição entre o devaneio e a realidade sensível mas, citando Fernand Verthesen, o que se pode entender por cumplidade: "[...] entre o eu que sonha e o mundo que se oferece, há uma secreta convivência em uma região plena, de uma plenitude com pouca densidade". (VERTHESEN apud DURAND, 1988, p. 69).

2.3 Espaço mágico

Todos os espaços aqui referidos comportam, no imaginário caiçara, uma dimensão sagrada ou mágica. Nesta dimensão, estão os seres simbólicos, donos dos espaços habitados conjuntamente com o caiçara. Seres que regulam a ação do homem sobre a natureza.

No espaço da mata mora, acredita-se, o caipora ou caporo, que ajuda um caçador ou o assusta, dependendo da atitude que o mesmo tem em relação aos recursos do meio.

No mar há, no plano das representações simbólicas, o "rei dos peixes", que ajuda um pescador, mantendo-se assim trocas simbólicas entre o homem e a natureza.

No rio, há o porá, menino negro, que também regula as atividades do homem no rio.

Na praia, perambula o lobisomem que, no imaginário caiçara, anda atrás de peixes podres para comer. Este ser encantado seria um dos membros da comunidade, mais especificamente um compadre. Vivia se enrolando na areia da praia. Em noites de lua cheia, saltava da canoa de algum compadre e afastava-se para transformar-se em cachorro. Ele é identificado como o sétimo filho de uma família somente de filhos homens.

As características apontadas para se identificar um lobisomem, na comunidade, eram: pés rachados, cor amarela, muito pálido, inchado⁵. Vivia comendo sujeira, cabeça de peixe em decomposição. Aparecia também comendo fezes nos galinheiros.

Uma moradora (76 anos) (informação verbal)⁶ conta assim a história de um lobisomem conhecido seu:

O lobisomem tinha aí na praia. Quando era sexta-feira ele passava. Tinha uma mulhé chamada Dona Mariana, quando ela via os cachorro lati e passá, ela dizia: 'Olha, amanhã vá busca sal, heim!' ...E no outro dia vinha busca sal na casa dela. Aí, quando foi no outro dia, foi memo o ta de João Gegê veio pedi sal logo cedo. Aí, ela disse: 'Aquele que é o lobisome.' E era memo.

A mata é como ambiente que suscita, na mente caiçara, a imaginação poética. Misteriosa, a mata também contém seres fantásticos, encantados que tanto podem colaborar com o homem, como podem prejudicar. Tudo depende da maneira como o caiçara usufrui dos recursos naturais que a natureza dispõe. Um desses seres míticos é o caipora, também chamado "capitão do mato" ou caporo pelos moradores locais. Um caçador (informação verbal)⁷ de 56 anos falou a respeito do "capitão do mato":

É o rei disso tudo. Toma conta dos bicho, mas tudo tem capitão, né...Porque cê vê, o pessoal passo no mato, lá onde ele passô essa pessoa se perde. Se ele, o capitão, passa por cima do rastro dele, se perde. Vira a cabeça da pessoa.

Aparecem nas entrevistas diversas narrativas sobre o caipora. Caçadores que já tiveram a oportunidade de cruzar com ele em lugar da mata; outros souberam de algum caçador amigo que vivenciou algo incomum. Um dos relatos afirma que um caçador foi caçar e pegou quatro porcos do mato e não estava conseguindo carregá-los. De repente apareceu a sua frente o caipora. Este informou ao caçador que ele não ia levar os quatro animais abatidos porque somente um era necessário para o sustento de sua família. Dito isso, o caipora ressuscitou os outros três animais. Dizem que esse caçador nunca mais voltou a caçar com medo do caipora.

E assim é a maioria das histórias narradas pelo caiçara. Umas contam do abuso de um caçador (caçou mais do que devia); outras narram a ajuda que o caipora deu a um homem que precisava sustentar sua família e não conseguia pegar nada.

Os espaços naturais, no imaginário caiçara, têm dono. É preciso pedir permissão às entidades donas da mata, do rio, do mar, para poder usufruir de seus bens.

O mar é outro espaço possuidor de um dono, que realiza trocas simbólicas com o homem.

Uma velha caiçara, de 100 anos⁸, narra a história do "rei dos peixes":

Um homem foi pescar um dia. Ele foi pescar e não matou nada, não pegou nada. Esse homem tinha uma cachorrinha. Quando ele chegava da pescaria, quem ia receber ele era a cachorrinha. Quando ele chegava a cachorrinha ia recebe ele. Aí, quando foi nesse dia, ele foi pescá e não pegou nada. Aí, disse que veio o peixe e disse: "Qué levá peixe? Você me trás o que primero você vê. Eu venho recebê." O peixe disse. Então ele penso que fosse a cachorrinha. Mas, quem vi recebe você, tem que trazê pra mim. O peixe disse. E o pescado tinha três filha. Aí, disse que o rei dos peixe deu uma porção de peixe pra ele. Quando ele chegô, a filha veio recebê ele. A filha mais velha. Aí, ele disse:

"Meu Deus, o que que eu vô fazê?" Quando foi no outro dia, ele foi pescá. Ele disse: "Tenho que leva a menina." Quando chegou lá, diz que o peixe engoliu ela viva. Aí, diz que o pescado veio chorando pra casa. Mas, a filha não estava morta. O rei do peixe queria se casar com ela. Ela ficou morando no palacete dele. O palacete era na barriga do peixe.

Parece-nos que a fronteira, entre natureza e cultura, é tênue. Ou seja, a humanidade pode realizar trocas, alianças e mesmo transpor a fronteira e experimentar o outro lado – como na transformação do homem em cachorro (lobisomem). Porém, nesses espaços sagrados, a natureza impõe limites ao homem: não caçar mais do que o necessário; pedir permissão ao "dono" da mata.

E assim, o caiçara pensa o mundo natural como sendo análogo ao mundo humano. Godelier (1981, p. 78) ao se referir ao efeito do pensamento analógico sobre seu conteúdo observa que:

[...] o pensamento constrói um gigantesco jogo de espelhos em que a imagem recíproca do homem e do mundo se reflete ao infinito, e decompõe e se recompõe perpetuamente no prisma das relações natureza-cultura. Capaz pela analogia de aproximar uns dos outros todos os aspectos e todos os níveis da natureza e da cultura, o pensamento em estado espontâneo ou selvagem é assim, imediata e simultaneamente, analítico e sintético⁹ e tem a capacidade de totalizar nas representações míticas todos os aspectos do real e, ao mesmo tempo, de passar de um nível a outro do real por transformações recíprocas de suas analogias. Através da analogia, o mundo inteiro adquire sentido, tudo é significativo, tudo pode significar no seio de uma ordem simbólica onde têm lugar na abundância e riqueza de seus detalhes, todos os conhecimentos positivos que se encontram transpostos na matéria dos mitos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais foram analisadas como sendo importantes em um contexto cultural específico, em que o manuseio dos espaços naturais estava ligado à maneira de pensar este meio. Os símbolos de cada lugar nos revelaram a maneira de ser e estar de um grupo nos espaços específicos analisados. Esta maneira de ser está co-presente no sistema técnico-econômico do grupo. Esta análise é feita por Godelier em relação aos Banto e aos pigmeus Mbuti, da selva equatorial africana do Congo.

Há uma relação dinâmica entre a forma como o caiçara atua sobre o meio, de acordo com o sistema de caça-coleta-horticultura-pesca e, a maneira de pensar o mesmo. Não é somente sua visão de mundo que é formada

a partir da realidade na qual vive e atua, mas também o inverso é verdadeiro. Há aí uma relação dialética.

Constatamos que, a partir das representações sobre os espaços, onde aparecem os seres encantados (donos simbólicos da natureza), podemos verificar os comandos de regras implícitos – nas histórias, mitos e lendas – que estabeleciam normas de procedimentos nestes mesmos espaços.

O importante a ser realçado é também a riqueza que nos revelam as representações sobre novas formas de pensar a natureza e de como melhor atuar sobre ela. Pensar sobre as representações sociais nos dá elementos para melhor pensar sobre o que realmente significa ecologia, em um mundo globalizado. Levar em consideração a maneira como diferentes culturas representam seu espaço natural, é uma das mais significativas maneiras de pensarmos em preservação do meio ambiente, principalmente em países que possuem, ainda, uma pluralidade de maneiras de ser e de ver o mundo.

A herança mais significativa que a cultura caiçara carrega é sem dúvida nenhuma originária da cultura indígena. E a relação caiçara-natureza está enraizada, encrustada na memória e nas ações de muitos pescadores, homens e mulheres que navegam por rios e mares, que ainda andam pela mata e plantam o seu roçado.

Enfim, com Godelier (1981, p. 56) terminamos:

[...] a percepção social de um meio não consta unicamente de representações mais ou menos objetivas e exatas das compulsões do funcionamento dos sistemas técnico-econômicos, mas que está igualmente composta de juízos de valor (positivos, negativos ou neutros) e crenças fantasmáticas. Um meio tem sempre dimensões imaginárias. Em alguns casos é o lugar da existência dos mortos, ou a morada de forças sobrenaturais benignas ou malignas que se supõem controladoras das condições de reprodução da natureza e da sociedade. Tais representações dão sentido a certos comportamentos e a intervenções sobre a natureza que para um observador ocidental podem parecer totalmente irracionais. A terra não é unicamente um solo mais ou menos fértil, nem o gado, carne, leite ou couro, ou as árvores, madeiras ou frutas. Todo programa de desenvolvimento econômico que não leve em conta o conteúdo exato das representações tradicionais que uma sociedade formula de seu meio se expõe aos mais graves desastres. Aí estão, para testemunhá-lo, os numerosos fracassos nos países subdesenvolvidos.

NOTAS

1. Alguns grupos indígenas, como os Txikão do Alto Xingu, pescam à noite, usando fachos.

2. O pescador artesanal ou tradicional é aquele que utiliza instrumentos simples e pesca em um espaço reduzido. Possui um conhecimento que advém da experiência e observação que são herança de seus ancestrais indígenas.

3. Denominamos mangue o “terreno baixo, junto à costa, sujeito às inundações da maré, na quase totalidade constituído de vasas ou lama depósitos recentes. Vegetação halófila que cresce nesse terreno.” E por sua vez o manguezal se caracteriza como um “sistema ecológico tropical dominado por espécies vegetais típicas (mangue) as quais se associam outros componentes vegetais e animais adaptados a um solo periodicamente inundado pelas marés, com grande variação de salinidade...”

4. Entrevistas realizadas durante a pesquisa para o mestrado, concluído em 1998: “ Espaço da vida, espaço da morte na trajetória caiçara”. Estas entrevistas foram realizadas no bairro Porto Novo em Caraguatstuba, litoral norte de São Paulo.

5. Balofno no dizer dos caiçaras.

6. Informação fornecida por uma moradora do bairro Porto Novo (Caraguatatuba/SP) de 76 anos concedida durante a pesquisa de campo para o mestrado em 1997.

7. Informação fornecida por um morador do bairro Porto Novo. Entrevista feita durante a pesquisa de campo em 1997 para o mestrado.

8. Informação fornecida por Dona Caetana (in memoriam). Era a moradora mais antiga do bairro Porto Novo em Caraguatatuba/SP. Entrevista realizada em 1997 durante a pesquisa de campo para o mestrado.

9. Há uma nota de rodapé em que nessa parte, o autor, faz referência ao livro “ O pensamento selvagem” de Lévi-Strauss

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. Usos e costumes. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 104, p. 79, 1945.
- CARVALHO, M. V. de. O pescador no litoral do Estado de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 92, ago./set. 1943.
- CASSIRER, E. O homem animal simbólico. In: SANTOS, M. H. V.; LUCAS, A. M. R. (Org.). *Antropologia: paisagens, sábios e selvagens*. Porto: Porto Editora, 1982.
- CASTRO, I. E. de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*, Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil S/A, 1992.
- DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio, 94).
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix; Ed. da USP, 1988.
- ELIADE, M. Imagens e símbolos. In: SANTOS, M. H. V.; LUCAS, A. M. R. (Org.). *Antropo-*
- Cad. Pesq., São Luís, v. 17, n. 3, set/dez. 2010.

logia: paisagens, sábios e selvagens. Porto: Porto Editora, 1982.

GARCIA, C. D. R. *Descrição das populações pré-históricas junto à costa: meios de subsistência de populações pré-históricas no litoral do Estado de São Paulo*. 1970. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.

GODELIER, M. Economia e Sociedade. In: CARVALHO, E. A. (Ed.) *Godelier: antropolo-*

gia. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 21).

LABERGE, J. As naturezas do pescador. In: DIEGUES, A C. S. (Org.). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORIN, E. *Os duplos jogos do conhecimento: o método*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

MUSSOLINI, G. *Ensaios de antropologia indígena e caiçara*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.